



A prostituição feminina e o significado esponsal do corpo: um diálogo com o pensamento de Karol Wojtyła

Women prostitution and the spousal meaning of the body: a dialogue with the thought of Karol Wojtyła

Luiz Carlos Susin^[a], Talis Pagot^[b]

^[a] Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana (Roma), professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS - Brasil, e-mail: lcsusin@puccrs.br

^[b] Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS - Brasil, e-mail: talispagot@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a realidade da mulher em situação de prostituição, propondo caminhos de dignidade a partir do pensamento de Karol Wojtyła, principalmente a sua Teologia do Corpo. Pretende ser uma contribuição de cunho teológico, aumentando o leque interdisciplinar da discussão. A consciência e a vivência da esponsalidade do corpo, conforme a Teologia do Corpo de Wojtyła, leva a pessoa a um caminho de alto ideal e de excelência humana dentro do plano salvífico de Deus para sua realização. A mulher que se prostitui usa seu corpo como se ele estivesse desconectado de sua

subjetividade. É justamente aí que o pensamento wojtyliano pode surgir como uma via de reflexão interdisciplinar, uma vez que apresenta o plano de Deus para a pessoa alcançar a sua máxima realização corporalmente.

Palabras Clave: Prostituição feminina. Dignidade da pessoa humana. Teologia do Corpo. Significado Esposal do Corpo.

Abstract

The aim of this work is to think about the reality of female prostitution, proposing ways of dignity for it from the thought of Karol Wojtyla, especially his Theology of the Body. It intends to be a contribution from theological nature, increasing the interdisciplinary range. The awareness and experience of the spousal body, according to the Theology of the Body in Wojtyla, leads one to a path of high ideal and of human excellence within the salvific plan of God. A woman who prostitutes herself uses her body as if it were disconnected from her subjectivity. It is precisely here that the Wojtylian thought might arise as a way of interdisciplinary reflection, since it presents God's plan to be person, achieving its maximum fulfillment bodily.

Keywords: Female prostitution. Human person dignity. Theology of the Body. Spousal Meaning of the Body.

Introdução

O que leva alguém à prostituição de seu corpo? O que pensa de seu corpo quem se prostitui? A prostituição é uma realidade presente em todas as partes e em todos os tempos. Para uns ela fere totalmente a dignidade da pessoa, e para outros, ela é apenas mais um modo de ganhar a vida. A Teologia, especificamente a Antropologia Teológica, tem pensado pouco sobre o assunto, circunscrevendo-o à moral. O presente artigo busca estabelecer um diálogo entre a prostituição feminina, com suas questões mais relevantes em nossos dias, e a Teologia do Corpo de Karol Wojtyla.

O principal tema discutido ultimamente nos trabalhos sobre a prostituição é a possibilidade de regulamentar a profissão, sob a reivindicação de que ela venha a ser considerada um trabalho com a mesma dignidade de outro qualquer. Aqui será importante a análise de Wojtyła (1982) sobre as relações entre sujeito e objeto, principalmente quando dois sujeitos estão colocados frente a frente.

No tocante à teologia cristã, é fundamental verificar o chamado que Deus faz a cada ser humano no processo de realização do seu plano amoroso, que alimenta o processo de humanização do ser humano como pessoa. O chamado a ser imagem do próprio Deus — *imago Dei* — se manifesta sobretudo na dimensão da doação recíproca. Essa doação, a realidade mesma do dom, manifesta-se eminentemente mediante o “significado esponsal do corpo”, forma em que o ser humano cumpre a sua comunhão e missão.

Verificaremos, em conclusão, como a compreensão do “significado esponsal do corpo” pode ser um caminho de restauração da dignidade da pessoa e uma opção para a mulher que vive a prostituição.

A prostituição feminina na contemporaneidade

Considerada pelo folclore como a “profissão” mais antiga da humanidade, tendo vestígios na antiguidade mais remota e estando, inclusive, ligada à religião (como na Mesopotâmia e na Babilônia), vista como um serviço às deusas (Ishtar e Anaita) em sinal de devoção e relacionada com o ritual de fertilidade, a prostituição teve grande visibilidade principalmente na Grécia, destacando-se as cidades de Atenas e Corinto, onde reinava o culto a Afrodite (Vênus) (LIBÓRIO; CASTRO, 2004).

Hoje, porém, temos uma realidade muito diversa: a prostituição tomou proporções gigantescas e evoluiu muito em suas formas e meios, principalmente com o avanço da comunicação e da passagem de uma sociedade secularizada de produtores para uma sociedade de consumidores, conforme análise das relações de mercado apresentadas por Bauman (2008). Gouveia (2010) afirma em estudo cuidadoso o que é também de senso comum, ou seja, que entre as causas da prostituição, a miséria econômica

é a causa principal, e em diversos países a “profissão” é uma atividade muito rentável, “seguindo à risca a lei da oferta e da procura” (GOUVEIA, 2010, p. 604).

Constatamos, atualmente, diversos tipos de prostituição: feminina, masculina, de menores, em casas noturnas, na internet, na rua etc. Com o crescimento da prostituição e de suas modalidades, cresce o interesse e preocupação de grupos de defesa dos Direitos Humanos, de grupos ligados à prevenção de DSTs e Aids, de movimentos de valorização e direitos da mulher, movimentos iniciados no século XX (sobretudo a partir da revolução cultural de 1968) e movimentos de luta por melhores condições de trabalho. Sob essas influências, principalmente a prostituição feminina tem reivindicado seu reconhecimento como um trabalho digno, assim como outro trabalho qualquer. Essa reivindicação parte, em sua maioria, de grupos orientados por feministas liberais (PASINI, 2005). Assim, o exercício da prostituição, que passou por uma tentativa de controle no passado, inclusive de caráter religioso, está hoje, no Brasil, reclamando por legalização como atividade profissional (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005).

A prostituição pode ser considerada um trabalho como outro qualquer?

Para tentar compreender a prostituição como um trabalho, convém examinar os principais argumentos favoráveis ou contrários ao que se refere à regulamentação da prostituição. A discussão se dá basicamente no âmbito da ideologia feminista de gênero em suas duas linhas principais: o *feminismo radical*, que vê o ofício como exploração da mulher; e o *feminismo liberal*, que postula a prostituição como sendo um direito de escolha profissional da mulher, já que ela é dona de seu corpo, podendo muito bem separar o “corpo mercadoria” do “corpo afeto”. Há poucos trabalhos fora dessas duas linhas de discussão (PASINI, 2005).

A grande virada no pensamento feminista a respeito da prostituição começou na década de 1990, quando as prostitutas, principalmente aquelas que trabalhavam na rua, foram “convocadas” a lutar contra as agressões e violências sofridas principalmente por parte de policiais. Porém, com o

passar do tempo e algum avanço nessa primeira batalha, o movimento em favor das prostitutas se empenhou em outra luta. Estava na hora de reivindicar que seu trabalho fosse reconhecido como outro trabalho qualquer, ou seja, com a mesma dignidade (OLIVAR, 2007).

Um fator importante nesse processo foi a Aids. Sua associação com a prostituição também contribuiu para que a questão da profissionalização da atividade ganhasse força entre as reivindicações dos movimentos em favor da “classe”, já que esse fator vulnerabilizava o grupo (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005).

As organizações que se alinham com o feminismo liberal e defendem os direitos das prostitutas afirmam que a prostituição não é necessariamente fruto de uma falta de oportunidade de trabalho para as mulheres, mas que pode ser muito bem uma opção, já que há um estímulo econômico provocado principalmente pelos meios de comunicação para a obtenção de um nível de vida sempre melhor (LIBÓRIO; CASTRO, 2004). Essa também é a opinião de Roberts (1998, p. 383) quando diz que “muitas prostitutas tendem a observar suas opções antes de fazer suas escolhas”.

Posições como a de Pasini (2005), que defende a ideia de que a prostituição feminina deve ser considerada um trabalho como qualquer outro, são cada vez mais comuns. Segundo ela, “há uma separação entre as vivências da prostituição e fora dela e, além disso, que o corpo e o ato sexual não são unidades” (PASINI, 2005, p. 4), conseguindo as prostitutas estabelecerem, assim, uma distinção entre o “corpo-afeto” e o “corpo-mercadoria”. Essa distinção se daria pela imposição de limites acordados com o cliente.

Por outro lado, Libório e Castro (2004), que apresentam os dois lados da discussão ao colocar os argumentos contrários à voluntariedade da prostituição, destacam alguns autores com suas respectivas teses, entre eles Maldonado e Auza, pesquisadores do Escritório Internacional Católico da Infância (BICE), que consideram a prostituição e seu contexto social como uma perpetuação da dominação do homem sobre a mulher e dos detentores do poder sobre os mais fracos, excluindo os direitos mais elementares do ser humano. Nessa mesma linha está a posição da psicóloga americana feminista Melissa Farley (2004), que considera um equívoco afirmar que as mulheres escolhem livremente a prostituição e que a mesma é um trabalho. Para ela, não há como viver uma sexualidade saudável numa sociedade

sexista, e por isso não podemos falar em escolha livre; antes, é preciso transformar essa sociedade (LIBÓRIO; CASTRO, 2004).

Relação sujeito e objeto na sexualidade humana: um diálogo com a ética wojtyliana

Segundo Wojtyla (1982), o ser humano é ao mesmo tempo sujeito e objeto nas relações com os seus semelhantes. Cada pessoa, conforme a concepção tradicional de pessoa que provém dos aprofundamentos cristológicos e trinitários, é também incomunicável e inalienável (*alteri incommunicabilis*). Essa incomunicabilidade está em profunda relação com a interioridade, a autodeterminação, o livre arbítrio de cada um, enfim, a dignidade da individualidade. O livre arbítrio é a garantia de que a pessoa é senhora de si. Sendo assim, os atos de vontade de cada pessoa não podem ser substituídos pelos de outrem.

É importante salientar que o ser humano não é apenas sujeito da ação, mas também objeto de ação. E, desse modo, a cada instante acontecem atos que têm o outro como objeto. “No relacionamento entre pessoas do sexo oposto, e especialmente na convivência sexual, a mulher é constantemente o objeto de alguns atos do homem, e o homem é objeto de alguns atos da mulher”¹ (WOJTYLA, 1982, p. 22).

A problemática começa a ocorrer, segundo nosso autor, quando uma pessoa passa a ser tratada exclusivamente como um meio para o fim de outrem, um mero objeto; daí que a pessoa acaba sendo violentada tanto no que se refere à natureza de seu ser, quanto no que diz respeito ao seu direito natural. Assim, quando uma pessoa é objeto da ação de outra, ela não pode ser usada como instrumento, mas deve sempre se ter em conta o seu próprio fim (WOJTYLA, 1982).

Em sua obra *Amor e responsabilidade*, da década de 1960, Wojtyla faz uma crítica aberta ao utilitarismo, que, na interpretação do autor, busca o

¹ Manteremos aqui fidelidade ao autor que, ao pensar a relação no âmbito sexual, pensa normalmente em “sexo oposto”, embora possamos estender como qualquer forma de relação no âmbito da sexualidade. Assim como, em nosso autor, o termo *homem* designa frequentemente o ser humano genericamente, abrangendo homens e mulheres, mas, conforme o contexto, o mesmo termo designa o ser humano masculino, o varão.

máximo de prazer e rejeita o sofrimento tanto quanto possível (WOJTYLA, 1982). É interessante notar que esse pensamento ganhou força com o passar do tempo. Basta analisar Bauman (2008), o qual afirma que na atual sociedade de consumidores só se é sujeito após ter sido especulado como objeto, tendendo a cada vez mais se promover como mercadoria para sair do anonimato, passando de consumidor a mercadoria desejável, objeto de desejo. Nessa sociedade de consumidores, o que não satisfaz mais os desejos do consumidor é descartável, inclusive a própria pessoa que serve de objeto de uso. Segundo o modelo utilitarista, há uma relativização dos meios em relação aos fins propostos, sendo a sexualidade apresentada “como instrumento para o prazer e tudo o que causa desprazer deveria ser eliminado o quanto fosse possível” (CERQUEIRA, 2010, p. 30).

Seguindo nosso autor, para que uma pessoa não se torne objeto de uso de outra deve-se buscar um objetivo comum que una as duas pessoas, um bem comum. A escolha comum por esse bem deve ser consciente. Aqui começa a entrar o amor e a capacidade de amar, que só são compartilhados por pessoas. O que determina essa capacidade, que é própria do ser humano, “é o fato de o homem estar disposto a procurar o bem conscientemente, junto com outros homens, e subordinar-se a este bem por causa dos outros, ou subordinar-se aos outros por causa deste bem” (WOJTYLA, 1982, p. 28). Desse modo, o amor exclui a possibilidade de uma relação utilitária.

A pessoa conscientemente tende a buscar o prazer e evitar o sofrimento, no campo das vivências emocionais-afetivas. Porém, se isso for transportado para o relacionamento entre duas pessoas de sexo oposto, os atos dispostos nessa relação farão de um, ou de ambos, apenas um meio para um fim. E, quanto a isso, Wojtyla diz que

Uma pessoa (do sexo oposto) não pode ser para a outra somente o meio para o fim: o prazer ou simplesmente a deleitação sexual. A convicção de que o homem é uma pessoa força-nos a aceitar o postulado da subordinação do uso ao amor. [...] A vivência do prazer é de fato, por sua natureza, algo subjetivo: pode ser interiormente ordenado e elevado ao nível da pessoa somente através do amor. (WOJTYLA, 1982, p. 32)

Sob o ponto de vista da ética personalista, o valor da pessoa está acima do valor do prazer. Portanto, a pessoa não pode ser usada como um meio do prazer. “A pessoa é um bem a respeito do qual só o amor constitui a relação própria e plenamente válida” (WOJTYLA, 1982, p. 39). Para tal, é preciso estabelecer um vínculo entre amor e justiça, em que o justo amor deve se ocupar ao máximo em dar à pessoa o que lhe deve justamente por ser pessoa, e que na realidade sexual, muitas vezes, o que é compreendido por “amor”, principalmente se baseado numa visão utilitarista, pode ser injusto (WOJTYLA, 1982).

O “significado esponsal do corpo” na teologia do corpo de Karol Wojtyla

O conceito de “significado esponsal do corpo” é central na teologia do corpo de Wojtyla, que reflete sobre o amor que é próprio da natureza humana, o amor-doação, que, em última análise, é teologicamente reflexo do amor Trinitário. Visto esse conceito, vamos aproximá-lo da realidade da mulher em situação de prostituição.

Chamamos de “teologia do corpo” o conjunto de catequese ministradas pelo Papa João Paulo II (Karol Wojtyla) no início de seu pontificado, entre os anos de 1979 e 1984. João Paulo II foi o primeiro papa a apresentar uma catequese sistemática, desenvolvida ao longo desses anos, tendo raiz em seu pensamento filosófico exposto principalmente nas obras *Pessoa e ato* (WOJTYLA, 2007) e *Amor e responsabilidade* (1982).

A teologia do corpo nasce da *encarnação* do Verbo, da humanidade do Filho de Deus, e, justamente, a espiritualidade *cristã* precisa ser vivida na carne, ou seja, no corpo. Uma espiritualidade desencarnada não é uma autêntica espiritualidade cristã. O caminho aberto pela encarnação do Verbo revela o sentido dos outros corpos, conforme aponta West (2007). Deus assume um corpo humano e “o corpo de Cristo, acima de tudo, proclama e revela o Evangelho do corpo” (WEST, 2007, p. 15).

A teologia do corpo do papa Wojtyla quer ressaltar, sobretudo, a *sacramentalidade* do corpo humano. O corpo humano tem algo a nos dizer sobre Deus, pois é o próprio Deus que nos revela a realidade do que somos — “façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”

(Gn 1, 26). Há uma realidade “escondida” no mistério ou na espessura sacramental do corpo humano. “O corpo, de fato, e só ele, é capaz de tornar visível o que é invisível: o espiritual e o divino” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 114), revelando assim ao mundo o mistério de uma realidade maior do que aquilo que se vê, mas justamente naquilo que se vê.

João Paulo II (2005), nas suas catequese, faz uma análise aprofundada da realidade do ser humano anterior ao pecado e identifica alguns aspectos fundamentais para o caminho da redenção humana. Os dois primeiros capítulos do livro do Gênesis são a base das suas análises. Esses capítulos, segundo nosso autor, apresentam o mais primitivo registro de autocompreensão e consciência do ser humano, ressaltando a sua subjetividade na realidade objetiva de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus (JOÃO PAULO II, 2005).

Ao criar o ser humano como homem e mulher, imagem Sua, o Criador possibilita que um possa reconhecer no outro essa imagem e ver o outro em toda a verdade que ele é, como Deus vê. Isso cria em ambos um desejo de unidade e de comunhão. Esse desejo de comunhão — e a comunhão realizada das pessoas — é o cumprimento da imagem de Deus (JOÃO PAULO II, 2005).

Segundo West (2007), ao fazer a reconstrução das três experiências fundamentais do ser humano antes da queda — solidão, unidade e nudez originais —, que possibilitam a compreensão de quem somos e, principalmente, de quem pretendemos ser, Wotyla as coloca na base da autocompreensão e da construção do ser humano como pessoa (WEST, 2007). Contudo, a comunhão de pessoas acontecerá por meio daquilo que Wojtyla chama de máxima expressão do significado do corpo humano, no “estado de graça”, que é o “significado esponsal do corpo”.

Para compreensão do significado esponsal do corpo, precisamos entender a relação do dom, como o próprio autor expõe. “A dimensão do dom define a respeito da verdade essencial e da profundidade de significado da original solidão-unidade-nudez” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 95).

O dom surge da “doação”. É Deus quem chama do nada à existência (cria do nada) em doação, porque Deus é amor. Neste sentido, trata-se de doação radical justamente pelo fato de criar do nada. A criação é dom porque nela está o ser humano criado à imagem de Deus e esse dom só faz

sentido para o homem, pois só ele é capaz de compreendê-lo e responder ao Criador (JOÃO PAULO II, 2005).

Enquanto o homem está “só”, ele não encontra na criação (*animalia*) nenhum ser capaz de estabelecer uma relação recíproca do dom. Essa relação só se estabelece quando o homem passa a existir “com alguém” que lhe corresponda e, por isso, o dom passa a revelar uma característica particular da existência da pessoa. Sozinho, o homem não consegue realizar a essência do dom. Essa essência se manifesta em uma relação “para” o outro, mediante a comunhão de pessoas, em uma relação de recíproco dom, dando fim à solidão do homem (JOÃO PAULO II, 2005).

Segundo a narrativa vocacional propositiva do Gênesis, com a criação da mulher e o impulso que faz brotar a comunhão na relação do dom recíproco, surge o início beatificante da existência do ser humano. O homem pode reconhecer na mulher “*osso dos meus ossos e carne da minha carne*” (Gn 2,23a, grifos nossos). Tal reconhecimento se dá, principalmente, através do corpo-sexo. A partir dessa exclamação do homem, podemos dizer que o corpo expressa-se *pessoa* na expressão do dom de si. Assim, “o corpo que exprime a feminilidade para a masculinidade, e vice-versa, manifesta a reciprocidade do dom” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 97-98).

O início beatificante da existência humana como homem e mulher está relacionado com a “revelação” do significado do corpo, que é esponsal. Esse significado esponsal do corpo no mistério da criação atesta que a entrega-doação, que brota do amor, atingiu a consciência original, genésica do homem, tornando-se experiência do dom. Essa doação, na união em uma só carne, abre-se para a procriação, amor fecundo em que se finaliza o sentido do sexo, do ser humano como masculino e feminino (JOÃO PAULO II, 2005).

O significado esponsal do corpo apresenta o ser humano — homem e mulher — em toda a realidade e verdade de seu corpo e sexo, e na total liberdade dos mesmos. Dá-se a partir da nudez livre da vergonha (cf. Gn 2,25) que, por sua vez, manifesta a liberdade do ser humano — masculino e feminino — pela liberdade do dom, não podendo o homem “encontrar-se plenamente, a não ser no sincero dom de si mesmo” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 100). Nessa recíproca experiência do corpo, o conhecimento de um ser humano pelo outro acontece de forma integral, assim como Deus

o havia revelado. Graças à liberdade do dom, pelo próprio corpo e sexo, homem e mulher podiam fruir de toda a verdade e de toda a evidência humana, pois “na raiz da nudez, está a liberdade interior do dom — dom desinteressado de si mesmos” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 101).

A dimensão trinitária de Deus revelada no Novo Testamento é fundamental para o reconhecimento da verdade sobre o ser humano: a semelhança com Deus não está somente “em razão da natureza espiritual, existindo como pessoa, senão também em razão da capacidade que lhe é própria de comunidade com outras pessoas”² (WOJTYLA, 2005, p. 232, tradução nossa), aludindo ao mistério das três Pessoas Divinas na comunhão de Trindade.

A doação recíproca comunica o Amor, que forma comunhão de vida. É no amor que está radicada a felicidade do homem. O amor é que cria imunidade à vergonha e, justamente porque o homem, pela graça, participa da vida interior de Deus e da sua santidade, é possível a inocência original. O dom do amor em inocência original permite ao homem e à mulher existirem desde o princípio numa relação desinteressada de si, em recíproca aceitação do outro e em dom puro. É na descoberta do significado esponsal do corpo que a inocência original é colocada em evidência (JOÃO PAULO II, 2005).

A teologia do significado esponsal do corpo é fundamental para se estabelecer a expressão máxima do amor, que consiste na entrega da pessoa. A essência do amor esponsal está na entrega do próprio “eu”. Essa entrega, que se concretiza na relação interpessoal — como entrega mútua de pessoas — vai além de qualquer forma de amor, até mesmo da amizade. Na ordem da natureza ou em sentido físico, como expressa Wojtyła, o ser humano não pode dar-se ao outro, pois cada pessoa é, por essência, incomunicável (*alteri incommunicabilis*), é individualidade impartilhável. Porém, isso pode acontecer na ordem do amor e no sentido moral. Somente aqui “uma pessoa pode dar-se ou entregar-se a outra, a uma pessoa humana ou a Deus, e por meio de tal entrega, cria-se uma forma

² “[...] en razón de su naturaleza espiritual, existiendo como persona, sino también en razón de la capacidad que le es propia de comunidad con otras personas” (WOJTYLA, 2005, p. 232).

particular de amor, que definimos como amor esponsal” (WOJTYLA, 1982, p. 86).

Homem e mulher, segundo o relato fundante do Gênesis, foram criados para o matrimônio (cf. Gn 2,24). Dando-se um ao outro, abrem-se à perspectiva criadora da existência humana, que se renova sempre por meio da procriação. Essa realidade faz parte da consciência humana e do significado esponsal do corpo, manifestado pela inocência original. Primeiramente, os dois surgem na criação como irmãos na mesma humanidade, mas, após descobrirem o significado esponsal do corpo, como masculino e feminino, revela-se neles a liberdade do dom. Essa relação entre homem e mulher exprime a riqueza interior da pessoa como sujeito, não permitindo a visão do outro como objeto. É objeto apenas como recíproca objetividade do dom (JOÃO PAULO II, 2005).

Mesmo com o pecado, sem a inocência original, permanece na profundidade interior do ser humano o *ethos* do dom como uma lei que se impõe, fazendo ressoar aquela inocência originária. Essa marca deixada pelo dom será fundamental, pois do significado esponsal do corpo nasce o amor na verdade interior do ser humano e, mesmo com a vergonha que revela outros aspectos da relação, sobretudo o risco de abuso, o amor esponsal originário defenderá a liberdade do dom de qualquer reducionismo da pessoa a “objeto de uso” (JOÃO PAULO II, 2005).

Conforme João Paulo II (2005, p. 114), “o homem aparece no mundo visível como a mais alta expressão do dom divino, porque carrega, em si, a dimensão interior do dom”. Isso só é possível porque se torna corpo; por meio da consciência do significado esponsal do corpo, do dom e “sacramento”, é capaz de tornar visível o invisível — a realidade espiritual. Pela consciência do dom — “sacramento do corpo” — em seu próprio corpo, o ser humano, masculino e feminino, percebe-se sujeito de santidade, chamado para a glória e não para a morte. Com o ser humano, mediante o sacramento do corpo, entra a santidade no mundo visível.

Aprofundando a relação entre o homem e a mulher na consciência do significado esponsal do corpo, em Gn 4,1-2 afirma-se que o homem “conheceu” sua mulher. Podemos compreender adequadamente, aqui, a união conjugal, que é um recíproco conhecimento. Numa só carne homem e mulher fazem a experiência do próprio corpo e se tornam um único

sujeito “comunional”, embora sejam dois sujeitos distintos, masculino e feminino. Nessa íntima união revela-se aquilo que realmente são. Aqui, a união sexual completa a identidade do ser humano, masculino e feminino. “Este ‘conhecimento’ bíblico estabelece uma espécie de arquétipo pessoal da corporeidade e da sexualidade humanas” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 116). Podemos dizer que há uma afirmação como pessoa e sujeito. Nesse sentido, o “conhecimento”, segundo West (2007, p. 167), não só indica a profundidade da vida matrimonial, como também “sintetiza toda a profundidade da experiência original da solidão, unidade, e nudez”, pois cada um encontra a si mesmo na profundidade desta relação.

Em face desse “conhecimento”, o mistério da feminilidade se revela em profundidade na maternidade da mulher que, diante do homem, como mãe, é sujeito da nova vida humana, revelando assim o “mistério da masculinidade do homem, isto é, o significado gerador e paterno do seu corpo” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 120). Esse conhecimento condiciona a geração e revela a objetividade do corpo, em que a pessoa humana, como marido e esposa, realiza a “si mesmo” no dom. Pela procriação, diz o papa, homem e mulher se reconhecem no terceiro. Emerge a consciência do significado do corpo na paternidade e na masculinidade, lá onde “o corpo da mulher torna-se lugar da concepção do novo homem. No seu seio, o homem concebido assume aspecto humano próprio, antes de ser dado ao mundo” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 122). No novo ser gerado, pelo conhecimento — a união conjugal — é realizada a humanidade. Nesse ciclo conhecimento-geração está o mistério da criação na realidade do corpo (JOÃO PAULO II, 2005).

O “significado esposal do corpo” e a mulher em situação de prostituição

Todo o desenvolvimento anterior teve o objetivo de trazer-nos a este ponto, a iluminação teológica e resgatadora da mulher em situação de prostituição. Por um lado, o ser humano só consegue encontrar-se plenamente no dom sincero de si mesmo, que se estabelece na doação de

si para o outro. Teologicamente, esse amor-doação eleva a dignidade da pessoa humana à dignidade sonhada pelo Criador, realizada em Cristo e em vias de realização plena para os seres humanos na eternidade. Por outro lado, quando olhamos para a mulher em situação de prostituição, verificamos então que há uma entrega do corpo. Essa entrega provém do desejo mais íntimo do coração do ser humano, que é entrega e descanso em Deus³, porém em situação de prostituição não está orientada para Deus. Isso desencaminha o que há de bom e de sublime — justamente o que significa a palavra *prostituição*. Há, em cada um de nós, um desejo de realização, que se plenifica em Deus (WEST, 2009) e que é ferido, traumatizado, pela prostituição.

Não nos cabe julgar as diversas causas que levam ao exercício da prostituição, mas nos é “imposto” anunciar o Evangelho (Cf. 1Cor 9,16) a quem está em situação de prostituição. Esse anúncio é realizado, em primeiro lugar, pelo “evangelho do corpo”, boa notícia para a condição humana corporal que deve nos falar de Deus. Conforme São Paulo, nós somos o corpo de Cristo e não realizamos nossa missão no momento em que desprezamos o corpo que sofre. Na primeira Carta aos Coríntios 12, 23 e 26, São Paulo, ajudando os membros da comunidade a se reconhecerem mutuamente e a se ajudarem uns aos outros, afirma na analogia do corpo e dos membros: “aqueles [membros] que parecem menos dignos de honra, são os que cercamos de maior honra [...], se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento”. Podemos entender suas afirmações num duplo sentido: a missão de nos solidarizarmos como corpo com o membro que está sofrendo — nele e com ele todos sofremos —, e a missão de acolhermos esse membro, tratá-lo com cuidado e conduzi-lo por um caminho de restauração.

A aproximação da teologia do significado esponsal do corpo com a mulher em situação de prostituição pode encontrar seu apoio justamente no corpo que evangeliza e que vive a dimensão da esponsalidade, fazendo-se próximo do corpo que carece de dignidade. Quanto mais é realizado

³ Vemos essa ideia desenvolvida em Agostinho (*De Trinitate*, XIV, 8) e em Tomás de Aquino (*Summa Theologiae I-II*, 113, 10). Também no livro das Confissões, Agostinho já afirmava isso: “Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti” (*Confis.* I, 1).

em nós o significado esponsal do corpo em sua dimensão de dom, mais conseguimos indicar o caminho do corpo de Cristo que abre para a plenitude do significado esponsal do corpo humano.

Porém, o eixo principal desta aproximação está no sentido dramático da entrega do corpo que se prostitui. A prostituição “rouba” a dignidade da pessoa, pois a mulher é tida como um objeto de uso, como um meio para um fim de outro, numa ação puramente utilitarista e mercantilista, e só uma relação vivida no amor poderia romper essa dinâmica destrutiva. Pois só o amor que nasce da real doação pode falar a verdade sobre si e sobre o outro. Somente pela vivência do significado esponsal do corpo é que se revela a vocação à qual o ser humano é chamado, a realização plena na comunhão de pessoas, atingindo, assim, a comunhão com Deus, do qual o ser humano é imagem corporalmente.

Por isso, a dignidade da mulher que se prostitui não pode ser encontrada numa profissão em que o corpo é reduzido a objeto de uso e de mercado, desconectado da pessoa. Nesse ponto, não há como o ser humano se reconhecer como pessoa na verdade plena a qual é chamado se o corpo não fizer parte daquilo que de fato ele é. Se o corpo revela a pessoa e essa revelação se dá na doação de si para o outro, para que se forme comunhão de pessoas, só podemos considerar a prostituição como uma atividade que “sequestra” a pessoa de si mesma e de sua verdade. Evangelizar pessoas em situação de prostituição é dar condições para que sua dignidade corporal seja resgatada e recolocada no caminho do significado esponsal do corpo humano.

Considerações finais

A prostituição, do ponto de vista cristão, é sempre uma situação de indignidade e de desvalorização do ser humano-pessoa. Esse posicionamento não significa uma aversão a quem se prostitui, mas, sim, um olhar de interesse pelo ser humano, segundo o modo que se entende a pessoa e o que constitui a sua dignidade. A Antropologia Cristã busca compreender e valorizar a pessoa como um todo.

Nosso objetivo principal foi apresentar, sob um leque interdisciplinar, sobretudo antropológico, uma perspectiva teológica que colabore com o processo de humanização da pessoa, principalmente da mulher que vive em situação de prostituição, objeto de nosso estudo. Para tal, utilizamos a teologia do corpo de Karol Wojtyła, sobretudo o conceito de “significado esponsal do corpo”.

O corpo humano, conforme o chamado de Deus, tem um significado esponsal, ou seja, está voltado para fora de si, como dom de si para o outro, buscando comunhão, a exemplo da inesgotável comunhão Trinitária. Propor à mulher que se prostitui um tipo de reflexão sobre si e sua pessoa que foge do lugar comum de mensagens destrutivas, que ela recebe diariamente em suas experiências de prostituição, é propor alternativas de liberdade, nas quais haja espaço para a subjetividade no livre exercício de sua dignidade corporal, e não simplesmente o “acato” de uma visão de pessoa que, afinal, mostra-se redutiva e acaba por justificar a destruição da mulher em vez de seu resgate.

Referências

AGOSTINHO, S. **Confissões**. 19. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

AGOSTINHO, S. **A Trindade**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

AQUINO, T. de. **Suma teológica**. 2. ed. v. 4, I seção, II parte. São Paulo: Loyola, 2005.

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

CERQUEIRA, E. K. (Org.). **Sexualidade, gênero e desafios bioéticos**. São Caetano do Sul: Difusão, 2010.

FARLEY, M. Bad for the body, bad for the heart: prostitution harms women even if legalized or decriminalized. **Violence Against Women**, v. 10, n. 10, Oct. 2004. Disponível em: <<http://www.prostitutionresearch.com/FarleyVAW.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

GOUVEIA, R. S. V. et al. Se são prostitutas, por que são felizes? Correlatos materiais da satisfação com a vida. **Revista Bioética**, João Pessoa, v. 3, n. 18, p. 603-21, nov. 2010. Disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/588/594>. Acesso em: 27 dez. 2011.

GUIMARÃES, K.; MERCHÁN-HAMANN, E. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 13, p. 525-44, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a04v13n3.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2012.

JOÃO PAULO II. **Homem e mulher o criou**: catequeses sobre o amor humano. Organização de J. C. Petrini e J. M. da Silva. Bauru: Edusc, 2005. (Ciências da Família).

LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M. de. A opção pela prostituição: uma escolha voluntária? **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 40, n. 165, p. 189-218, 2004.

OLIVAR, J. M. N. O direito humano de ser puta: uma reflexão sobre direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre. **Teoria e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 2 n. 15, p. 120, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~revistasociedade/edicoes/artigos/15_2/O_DIREITO_HUMANO_DE_SER_PUTA.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2012.

PASINI, E. **Prostituição e a liberdade do corpo**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/pdf/Elisiane.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Ventos, 1998.

WEST, C. **Theology of the body explained**: a commentary on John Paul II's Man and woman He created them. 2. ed. Boston: Pauline, 2007.

WEST, C. **The theology of the body and the new evangelization**. 2009. Disponível em: <<http://www.christopherwest.com/resources/articles/articles-on-theology-of-the-body/the-theology-of-the-body-the-new-evangelization/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

WOJTYLA, K. **Amor e responsabilidade**: estudo ético. São Paulo: Loyola, 1982.

WOJTYLA, K. **El don del amor**. Madrid: Palabra, 2005.

WOJTYLA, K. **Persona y acción**. Madrid: BAC, 2007.

Recebido: 13/02/2014

Received: 02/13/2014

Aprovado: 15/05/2014

Approved: 05/15/2014